

Germaine Tillion (19/04/2008)

Com grande pesar compartilhamos com colegas, alun@s e amig@s brasileir@s e frances@s a notícia do falecimento da grande antropóloga francesa Germaine Tillion, aos 100 anos (faria 101 no dia 30 de maio), ocorrido ontem, 19 de abril de 2008, em sua residência em Paris (Saint Mandé).

Germaine Tillion foi introduzida na antropologia por Marcel Mauss, seu amigo e orientador no trabalho de campo realizado com a população nômade da região de Aurès (Argélia). Etnógrafa e fotógrafa, deixou um legado importante para a antropologia dos povos chaouïas e touaregs com a publicação de livros como *Le harem et les cousins*, *L'Algérie Auresienne*, *Il était une fois l'ethnographie*.

Mais do que isso, nos deixou a lição precursora de uma antropologia fundada no diálogo e comprometida até as últimas consequências com os grupos estudados. Esteve no centro da luta pela libertação da Argélia, intermediando negociações entre o governo De Gaulle e os revolucionários do FLN, experiência relatada em *Les ennemis Complémentaires*.

Antes disso, esteve engajada desde os primeiros dias na luta de resistência a invasão nazista na França, liderando a rede de resistência do Musée de l'Homme. Presa e deportada, Tillion sobreviveu ao campo de Ravensbrück, e dessa experiência limite extraiu duas obras opostas: uma das primeiras etnografias do sistema concentracionário, o clássico *Ravensbrück*, que fala da organização social e da economia do terror nos campos de concentração nazistas e uma opereta humorística, *Le Verfügbar aux Enfers*, que descreve o dia-a-dia das prisioneiras no campo, a fome, o trabalho, a exaustação e as estratégias de sobrevivência, através de brincadeiras e canções.

Tillion era assim mesmo: das situações mais trágicas conseguia extrair um sabor, um gosto pela vida que ela amava tanto. Entre as muitas lições que nos deixou ao longo de dez anos de encontros inesquecíveis e de muitas refeições compartilhadas, nos fica a principal: a de uma defesa intransigente dos direitos humanos, engajamento do qual sua vida foi uma prova permanente. Sua morte, é sem dúvida uma grande perda para a Humanidade.

Miriam Grossi e Carmen Rial

Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina